

Celebração possível

Amanhã, em Porto Seguro, o centro das atenções será muito mais a segurança pessoal do presidente da República que a festa dos 500 anos do Brasil, e o governo federal não pode nem reclamar. Foi exatamente no vácuo da indiferença oficial com a celebração dos cinco séculos passados, que as manifestações de protesto por um acerto de contas do presente ocuparam todos os espaços. Questão de competência publicitária e agilidade de ação política.

Dois indispensáveis fatores que o Palácio do Planalto ignorou impávido, mas que os movimentos como os do sem-terra e organizações não-governamentais das mais variadas naturezas, souberam bem aproveitar. Até a Igreja Católica, através do Cimi, braço indigenista da CNBB, saiu-se bem.

Ninguém se lembrou de inserir nos protestos uma referência a esta mesma Igreja que hoje pede perdão pelos crimes que cometeu no passado, incluindo aí, o da conversão compulsória dos índios pelos jesuítas.

Ante a competente ofensiva dos estilingues, sobrou aos indiferentes o papel de vidraça. E, assim, viu-se o presidente encurralado como alvo, num evento em que deveria ter sido agente da aglutinação de todo o país.

É provável que essa percepção tenha assolado as almas oficiais em algum momento. Mas não a tempo suficiente de poder recuar ou consertar o malfeito.

Ainda que dê tudo certo amanhã, a tensão da expectativa pelo pior já terá feito o estrago: mais uma vez, a nação brasileira contenta-se com o que pode, ante a impossibilidade de ter o que de fato merece. Será a celebração possível e não a comemoração ideal. "A segurança do presidente terá de se sobrepor a todos os outros fatores", resumiu o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência, general Alberto Cardoso, na quarta-feira à noite, véspera de embarcar para Porto Seguro, onde comandaria o acerto final da agenda presidencial.

E o que quer dizer isso, exatamente?

Se perguntarmos ao general, teremos a mesma informação, "a segurança está em primeiro lugar". Mas se pensarmos um instante veremos que o significado real embutido nessa regra é outro: ao abdicar do comando das comemorações, a Presidência da República acabou tendo seus movimentos pautados pelos patrocinadores dos protestos. Que, assim, imprimiram o caráter que lhes interessava à festa.

O governo ignorou os 500 anos e, no vácuo, movimentos de protesto assumiram o patrocínio da festa

Fizeram o papel que consideravam que lhes era devido – o acerto ou o equívoco dessa concepção é outra discussão – e não podem ser responsabilizados pela inação de quem não fez a sua parte.

O descaso e a desorganização marcaram a participação federal nesses eventos, desde sempre. Em algum canto remoto da memória reside a vaga lembrança sobre uma comissão constituída, ainda no meio da década de 90, para organizar a comemoração do Descobrimento. Era presidida, salvo engano, pelo vice-presidente, Marco Maciel.

Depois, a tarefa passou para o comando do Itamarati, que coordenava um imenso e sortido grupo que não chegou a lugar algum, muito menos serviu para mobilizar emoções coletivas, o pressuposto para o sucesso de uma comemoração desse porte como se vê mundo afora.

Assim que assumiu o governo da Bahia, em 1995, Paulo Soutto – hoje senador – enviou uma dezena de cartas e centenas de fotos alertando a Presidência para a situação de Coroa Vermelha, em Porto Seguro, área indígena que concentraria as atenções da festa, e que havia se transformado num imenso favelão.

Moravam ali índios e não-índios, numa barafunda de barracos, boates, salões de beleza, comércio de artesanato, enfim, em total desfiguração do que seria uma terra indígena. A preocupação de Paulo Soutto era que se restaurasse a área a tempo.

Não houve, porém, resposta nem empenho. Representantes da tal comissão foram e voltaram inúmeras vezes a Porto Seguro sem conseguir decidir nada. Até que entrou em cena o ministro do Turismo, Rafael Greca, que assumiu a missão e conseguiu restaurar a área.

Greca pode não ter sido capaz de suprir as deficiências anteriores nem de organizar nada de inesquecível para marcar a passagem dos 500 anos. Mas, pelo menos, do ponto de vista físico, conseguiu impedir o vexame total que seriam as imagens transmitidas amanhã de Coroa Vermelha.

Não é correto, com todos os defeitos que possa ter apresentado no cargo, que Rafael Greca – alvo de bombardeio de motivos não relacionados ao Descobrimento do Brasil – pague sozinho a conta de um problema que não criou. Em parte, até ajudou a resolver.

Da mesma forma não é justo que a Presidência atribua à radicalização alheia uma responsabilidade que é também de quem não soube dar à passagem dos 500 anos a dimensão de um acontecimento nacional.

E não vale também reclamar porque a Bahia – que marcou presença o ano todo com o slogan "o Brasil nasceu aqui" – levará mais essa.